



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
PÓS-GRADUAÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS,
NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

**BULLYING:
FALTA DE EDUCAÇÃO EM VALORES?**

RONICE RODRIGUES MONTALVÃO

BRASÍLIA

2015

RONICE RODRIGUES MONTALVÃO

**BULLYING:
FALTA DE EDUCAÇÃO EM VALORES?**

Trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dra. Renata Jesus da Costa.

BRASÍLIA

2015

Ronice Rodrigues Montalvão

Monografia apresentada e aprovada em 14 de dezembro de 2015

Professora Doutora Maria do Amparo de Sousa
Examinadora

Professora Doutora Renata Jesus da Costa
Orientadora

A Deus, primeiramente, pelo seu amor incondicional. À minha família pelo apoio em todas as horas. Ao tutor Onofre Rodrigues de Miranda e especialmente, à orientadora Prof^a Dra. Renata Costa por sua paciência e suas valiosíssimas observações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e disposição para, de bom grado, enfrentar mais esse desafio e por me capacitar para concluí-lo.

À minha família pela paciência e pelo carinho que nunca me faltaram ao longo de minha trajetória.

Ao tutor, Onofre Rodrigues de Miranda, que tanto me auxiliou ao longo do caminho com seu incentivo.

Especialmente, à competente orientadora Renata Costa, que muito contribuiu com suas ricas observações e pelo suporte, no pouco tempo que lhe coube. Meu sincero agradecimento.

Educai as crianças e não será preciso castigar
os homens!

Pitágoras

RESUMO

MONTALVÃO, Ronice. **Bullying**: falta de educação em valores? 2015, 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

O intuito deste trabalho é analisar, refletir e criar estratégias contra o *bullying* escolar. No processo *antibullying*, a família, a escola e toda sociedade têm que se unir para levar os alunos a crescerem, respeitando os valores éticos e morais. No ambiente escolar é necessário que existam os objetivos claros de propiciar o desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional do educando, tendo em vista a construção de sua autonomia. É nesse ambiente que os alunos passam boa parte de seu tempo. Eles precisam de orientações, que deveriam começar no seio familiar, sobre respeito e valores éticos e morais. O transtorno que o *bullying* pode trazer a uma pessoa pode perdurar a sua vida inteira. As crianças e adolescentes precisam de amor e proteção para ter um desenvolvimento intelectual, social, moral e emocional saudável.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Família. Moral. Ética.

ABSTRACT

MONTALVÃO, Ronice. **Bullying**: Lack of education in values? 2015. 49 p. Specialization in Education in and for Human Rights in the context of cultural diversity. – University of Brasilia, Brasilia, 2015.

The purpose of this monograph is to analyze, reflect and strategize against school bullying. This anti-bullying process the family, school and society all have to come together to take students to grow up respecting the ethical and moral values. In the school environment there must be a clear objective to promote the physical, intellectual social and emotional development of the student, with a view to building their autonomy. In this environment, students spend much of their time. They need guidelines, which should start in the family, on respect and ethical and moral values . The disorder that bullying can bring a person can last a lifetime. Children and adolescents need love and protection to have an intellectual, social, moral and emotional health.

Keywords: Bullying. School. Family. Moral. Ethical.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A influência de valores, segundo os alunos.....	22
Gráfico 2 – A incidência do <i>bullying</i> na escola.....	29
Gráfico 3 – A vitimização e o revide	29
Gráfico 4 – Principais formas de agressão do <i>bullying</i> escolar.....	30
Gráfico 5 – Alguns sentimentos suscitados com o <i>bullying</i> escolar.....	31
Gráfico 6 – Locais onde acontecem as agressões no ambiente escolar.....	31
Gráfico 7 – Vítimas de <i>bullying</i> escolar	32
Gráfico 8 – Informações sobre instrução moral	32

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA.....	11
2 PROBLEMATIZAÇÃO	13
3 OBJETIVO GERAL.....	14
3.1 Objetivos específicos.....	14
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
4.1 Moral e Ética	15
4.2 A moral em Kant	16
4.3 O juízo moral na criança (Piaget)	17
4.4 <i>Bullying</i> : falta de educação em valores?.....	19
4.5 A Família e a escola	20
5 METODOLOGIA.....	25
5.1 Materiais	26
5.2 Filme	27
5.3 Sujeitos da pesquisa.....	27
5.4 Contexto da intervenção	28
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES.....	39
A - Coleta de dados	
B - Um dia temático: celebrando a diversidade	
C- Trabalhos realizados após a palestra sobre <i>bullying</i>	

ANEXOS43

A – A Lei *Antibullying*

B - Alguns filmes com a temática sobre o *bullying*

1 JUSTIFICATIVA

Esse trabalho vem com o intuito de intervir sobre uma forma de violência que é bem percebida no ambiente escolar: o *bullying*.

A questão da convivência entre os alunos na escola na qual trabalho foi o que motivou o interesse de intervir no problema de violência chamado *bullying*. Além disso, os alunos constantemente depredavam o patrimônio público e apresentavam um comportamento muito agressivo. Era notória a falta de polidez com professores, e muito mais ainda, com os colegas. E temos consciência de que saber relacionar-se com os pares torna-se a cada dia mais fundamental nas relações sociais.

Frente a essa realidade, o combate ao *bullying* escolar tornou-se uma obrigação da instituição como um todo. Não podemos ser omissos diante dos maus tratos entre os alunos, pois a prática dessa violência na escola pode trazer sérios prejuízos à sociedade.

O transtorno que o *bullying* pode trazer a uma pessoa pode perdurar a vida inteira, especialmente na vida de crianças e adolescentes que precisam de amor e proteção para terem um desenvolvimento intelectual, social, moral e emocional saudável.

Karl Marx¹, um filósofo, economista e cientista alemão (1818-1883), defende que o homem é produto do meio. Ou seja, o meio social pode determinar o comportamento do indivíduo. Segundo essa teoria, as relações interpessoais não só influenciam, mas são determinantes na formação do homem. Se o homem é realmente um produto do meio, o ambiente em que nossos adolescentes e crianças estão inseridos é de fundamental importância para o seu desenvolvimento moral e intelectual.

O clima de insegurança e falta de gentileza entre os alunos infelizmente é bem perceptível no ambiente escolar. Como professores e formadores de indivíduos conscientes de seus deveres e obrigações, precisamos fortalecer nos alunos as questões morais-éticas.² E até mesmo resgatar valores que parecem estar se perdendo em nossa sociedade, como a cortesia, o respeito, a boa convivência.

O meio escolar precisa oferecer oportunidades para que os alunos desenvolvam as habilidades práticas como empatia, compaixão, e resolução de conflitos; mobilizar os alunos a

¹ Karl Heinrich Marx foi um intelectual revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista.

² Ética – Motta (1984) a define como um “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social. Moral – segundo Vasquez (1998), o “sistema de normas, princípios e valores segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal”.

serem cooperadores adquirindo autonomia em seus relacionamentos; usar disciplina por meio de estratégias que não sejam simplesmente punitivas, mas esclarecedoras, no intuito de fazer o educando refletir sobre suas atitudes de acordo com princípios morais e éticos fundados no respeito ao outro.

Há uma necessidade de transmissão de valores³ como respeito, tolerância, ajuda mútua, preservação da vida. Nos dias de hoje, a maior crise que o ser humano pode enfrentar (e que estamos enfrentando) é uma crise de valores, pois essa crise vai afetar a humanidade, que passa a viver de forma mais egoísta, cruel e violenta.

Os demais capítulos deste trabalho abordam assuntos distintos.

Capítulo 2: aborda a problematização, a dificuldade encontrada no ambiente escolar para a intervenção, desta forma o problema a ser enfrentado foi o *bullying* escolar.

Capítulo 3: combater o *bullying* foi um dos principais objetivos deste trabalho, bem como priorizar a informação sobre o que é *bullying* e frisar suas possíveis consequências. Desta forma, a meta foi tanto trabalhar a sensibilização dos alunos quanto a prevenção do *bullying*.

Capítulo 4: a ética e a moral não são natas no indivíduo, por isso precisam ser aprendidas ou adquiridas. De acordo com Piaget (1932), a transmissão de valores é, inicialmente, feita pelos progenitores.

O *bullying* escolar é considerado uma atitude de desrespeito aos princípios éticos e morais da nossa sociedade, na qual valores como respeito e tolerância precisam ser respeitados. Neste sentido, há necessidade de se educar moralmente.

Capítulo 5: a metodologia inicial adotada foi a mesma defendida pelo professor norueguês Dan Olweus de aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e ideias erradas sobre o *bullying* e promover apoio e proteção às vítimas contra esse tipo de violência escolar.

Uma pesquisa quantitativa foi realizada na escola para identificar a presença do *bullying*, e buscar estratégias para coibir o problema no ambiente escolar.

Capítulo 6: a análise e a discussão do processo de intervenção foram de grande valia para podermos conhecer mais sobre o problema do *bullying* e, a partir daí, procurar soluções pontuais para sanar os problemas de convivência entre os alunos e ajudá-los a terem mais autonomia, com o intuito de fazerem suas escolhas e refletirem sobre suas ações tendo ciência de suas possíveis consequências.

³ O conceito de valores utilizado neste trabalho será o definido por Piaget (1932) como investimento afetivo que nos move ou que nos faz agir.

Capítulo 7: nesse capítulo foram abordadas as considerações finais acerca da intervenção com o Projeto *Antibullying* realizado no CEF 30 de Ceilândia.

Em seguida, são elencadas as referências, com os principais autores e obras pesquisados no decorrer do trabalho.

No apêndice está o modelo do questionário utilizado para a coleta de dados da pesquisa. Há também algumas fotos do dia temático “Celebrando a diversidade” e algumas fotos dos trabalhos realizados após a palestra sobre *bullying*.

Por último, apresentamos como anexo a Lei Distrital *Antibullying* e algumas indicações de filmes com essa temática.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Eu estava trabalhando, em 2015, em uma escola em Ceilândia, mas recebi o convite para fazer parte do corpo docente do Centro de Ensino Fundamental 30 (CEF 30), na mesma cidade satélite, como coordenadora pedagógica. Quando adentrei aos portões daquela escola, deparei-me com uma visão muito perturbadora. Cheguei na hora do intervalo. Pude perceber que vários alunos agiam de uma forma muito desrespeitosa com os seus pares. Os alimentos eram desperdiçados (eles jogavam biscoitos nos colegas), e havia empurrões, palavras depreciativas, chutes nas portas etc. Fiquei estarrecida diante daquela visão lamentável. Logo percebi que teria muita coisa para realizar ali. E, por alguns instantes, titubeei pensando em voltar para a outra escola. Ao chegar à sala dos professores fui muito bem recebida com muitos sorrisos. Pude perceber que o “time” precisava de mais um, e resolvi aceitar o grande desafio.

Na primeira semana, foi não foi fácil. Os alunos não estavam acostumados com algumas regras, nem com a mais básica, de fazer fila para que fosse servido o lanche. Não foi muito difícil me deparar com situações de violência entre os alunos. Uma das formas mais latentes era o *bullying* escolar. Por isso, vi a necessidade de elaborar um projeto de intervenção para ajudar essa comunidade escolar a superar o problema junto com toda a equipe escolar.

Como a escola não tem Orientador Educacional, muitos alunos foram até a sala da coordenação onde fico, para relatar vários abusos como furto de material, apelidos e até ameaças. Fiquei feliz ao perceber a grande responsabilidade disso. Acredito que muitos alunos viram em mim uma pessoa em quem podiam confiar. Nas primeiras semanas, recebi muitos chocolates e cartinhas de incentivo e de boas-vindas de um lado, e forte repulsa de outro. Por esse motivo, resolvi, junto com alguns professores, e com o aval da direção, fazer um trabalho *antibullying* na escola. Esse trabalho de intervenção era preciso por um ambiente mais harmônico onde o respeito e a dignidade humana fossem valores inegociáveis.

3 OBJETIVO GERAL

Combater o *bullying* no ambiente escolar, tendo como base a informação sobre o referido problema, e chamar atenção para os valores morais e éticos necessários para uma convivência pautada no respeito e na dignidade humana.

3.1 Objetivos específicos

a) Realizar o projeto *Antibullying* na escola, a fim de coibir o *bullying* escolar. Iniciar com a informação precisa, através de palestras e de uma reflexão sobre o conceito e as consequências do *bullying* na vida de um indivíduo, e que atitudes devem ser tomadas quando se é vítima dessa forma de violência. Assistir, de forma crítica e reflexiva, trechos do filme *Bullying - Provocações sem limites*.

b) Elaborar uma pesquisa, junto aos alunos dessa instituição, a partir de dados concretos, e viabilizar o combate ao *bullying* nesse ambiente educacional, bem como conhecer o local mais comum dessa prática para, a partir daí, elaborar um plano de ação mais efetivo.

c) Frisar a importância de uma educação pautada em valores ético-morais.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Refletir sobre a teoria do Juízo Moral na Criança, de Jean Piaget (1932), é de grande valia para entendermos o processo de formação moral de um indivíduo e a responsabilidade da família nesse processo. Esta teoria de Piaget pode ser considerada um ponto de partida e um referencial para as pesquisas da moralidade iniciada, sobretudo, na infância. As contribuições piagetianas no campo da Psicologia Moral são até hoje um eixo norteador, um ponto de partida e um referencial para as pesquisas sobre a moralidade.⁴

Este trabalho tem como intuito considerar a formação ético-moral, pautada na Psicologia Moral⁵, como forma efetiva de coibir o *bullying* no ambiente escolar.

4.1 Moral e ética

De acordo com Chauí, toda sociedade tem seus princípios morais ou costumes. Eles são anteriores a nós, aceitos por todos e até considerados como naturais. A ética e a moral nascem do questionamento sobre os costumes sociais e também buscam compreender o caráter das pessoas (senso moral e a consciência moral)⁶. Dessa forma, ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e, como tais, são consideradas valores e obrigações para a conduta de seus membros (CHAUÍ, 2010, p. 270).

De forma mais prática, podemos verificar que a ética e a moral estão relacionadas aos padrões de comportamento de cada indivíduo dentro de uma sociedade. Todavia, tanto o *senso moral* como a *consciência moral* são formados a partir de valores aprendidos em nossas relações com os outros sujeitos morais. Dessa interação, podemos falar sobre a importância dos valores quando o respeito mútuo é aprendido ou vivenciado. Para Chauí, os valores éticos se referem, portanto, à expressão e garantia de nossa condição de seres humanos ou de sujeitos racionais e agentes livres, em que a violência se torna proibida moralmente. Para Chauí, a consciência e a responsabilidade são condições indispensáveis da vida pautada na

⁴ *Anais do I Congresso de Epistemologia Genética da Região Amazônica* – 27 a 29 de Abril de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/cegra>>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁵ Na Psicologia, o campo de estudos sobre o desenvolvimento moral, a partir de uma perspectiva psicogenética, teve início com o trabalho *O Juízo Moral na Criança*, escrito por Jean Piaget, em 1932.

⁶ Senso moral – “maneira como avaliamos a nós e aos outros segundo as ideias como de justiça e injustiça certo e errado”. (CHAUÍ, 2010, p. 261)

Consciência moral – “avaliação de conduta que nos levam a tomar decisões próprias, ou seja, sem ser obrigados pro outros, que conduzem a ações com consequências para os outros e para nós”. (CHAUÍ, 2010, p. 263)

ética. Esses dois fatores estão interligados. Há uma incontestável necessidade de termos uma formação de uma consciência moral e ética.

O senso moral e a consciência moral referem-se a valores (justiça, honradez, espírito de sacrifício, integridade, generosidade), a sentimentos provocados pelos valores (admiração, vergonha, culpa, remorso, contentamento, cólera, medo) e a decisões que conduzem, a ações com consequências para nós e para os outros [...] mesmo que apenas subtendido: o bom ou o bem (CHAÚÍ, 2010, p. 265).

Os valores são adquiridos durante nossa formação moral. Essa formação irá nortear as nossas decisões que, inevitavelmente, terão reflexos para os outros e para nós.

4.2 A moral em Kant

Segundo Menin⁷ (1996), o filósofo Kant pensou no que é moral e concluiu que não era algo fácil de ser garantido. Isso porque depende dos costumes de cada povo, portanto, algo relativo: cada povo tem costumes que são bons aos seus olhos. Menin (1996) cita o princípio da moral em Kant.

Para Kant, o princípio moral está no que ele chamou de *máxima*. “Age apenas segundo uma máxima tal que possas querer que ela se torne lei universal” (KANT, 1974).

De acordo com Menin (1996), isso equivale a dizer que: “O que pode valer para mim, devo concordar que possa valer para os outros”.

Temos ainda o ditado popular que integra o pensamento de Kant: “Não queira para o outro aquilo que você não quer para si”. Ou seja, o que for bom para mim, acredito que deve ser bom para os outros.

Ser moral segundo Kant é pensar no outro, em qualquer outro na humanidade; querer se relacionar além do próprio “eu”; é sermos contrários a leis que nos humilham, que nos tornam submissos, sem dignidade (MENIN, 1996, p. 42).

E necessário, para sermos sujeitos morais na perspectiva de Kant, respeitar e saber se relacionar com o outro em nossas relações sociais.

A escola precisa ensinar, junto com a família, a educar as crianças para que elas possam aprender a respeitar a diversidade humana e ter plena consciência das consequências de seus atos para si e para todos. De acordo com a autora Tognetta⁸ (2013),

⁷ MACEDO, Lino de (Org.). *Cinco estudos de Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

⁸ GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Indisciplina e bullying na escola*. 2. Ed. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 2013.

Podemos prevenir o bullying escolar quando proporcionamos momentos em que as crianças podem participar ativamente nas decisões a serem tomadas, quando podem, num conflito entre pares, pensar na solução do problema que têm. (TOGNETTA, 2013, p. 55)

A prevenção do *bullying* escolar é possível, todavia, quando formamos indivíduos autônomos aptos a solucionar problemas de forma pacífica.

4.3 O juízo moral na criança (Jean Piaget, 1932)

Para entendermos melhor sobre o desenvolvimento moral, há necessidade de refletirmos sobre a obra de Piaget⁹ (1932). O psicólogo suíço relata uma série de experimentos que demonstram que a moralidade se desenvolve com o passar do tempo.

Em seus estudos com crianças de 2 a 11 anos, Piaget chegou às seguintes conclusões sobre o desenvolvimento moral: as crianças, por volta dos 11 anos, já podem pensar de forma autônoma, desenvolvendo melhor o senso crítico. A consciência das regras é aprendida progressivamente no juízo moral da criança. Piaget¹⁰ (1932), durante seu estudo sobre a consciência das regras, pôde observar os seguintes estágios:

1º Estágio – Motor e individual (Crianças até dois anos): as crianças manipularam a bolinha de acordo com seus desejos, não tendo assim o que se falar de regras coletivas.

2º Estágio – Egocêntrico (Crianças de dois a cinco anos): a criança não demonstra interesse em juntar parceiros. Mesmo recebendo exemplo das regras, ela apenas imita. Algumas não se preocuparam com a codificação das regras e outras as consideram imutáveis (místicas).

3º Estágio – Cooperação nascente (Crianças de sete ou oito anos): há uma variação considerável das regras do jogo. Elas deram, separadamente, informações diferentes sobre as regras do jogo. As de 9 a 11 anos demonstraram boa codificação das regras.

De acordo com suas observações, em média dos nove aos onze anos a criança pode ter uma boa codificação das regras. O entendimento do que é *bem ou mal*¹¹ já é perceptível nessa fase da vida.

A consciência moral, como foi apresentada por Piaget (1932), é construída ao longo da vida. Nossas experiências em relacionamento interpessoal podem nos auxiliar a construí-la

⁹ PIAGET, Jean. *O Juízo moral na criança*. Tradução Elzon Lenardon. Ed. Summus, 1994.

¹⁰ Idem.

¹¹ Refere-se ao senso moral – maneira como avaliamos nossa situação e a dos nossos semelhantes segundo as noções de certo e errado (CHAUÍ, 2010, p. 261).

progressivamente. Mas uma boa base adquirida nesse processo pode fazer uma grande diferença na vida adulta do indivíduo.

Todavia, a responsabilidade inicial de orientar a criança a respeito de algumas regras inicia-se no seio familiar. De acordo com Piaget (1932),

[...] a criança está mergulhada desde os primeiros meses numa atmosfera de regras, e torna-se desde então, extremamente difícil discernir o que vem dela própria, nos rituais que respeita, e o que resulta da pressão das coisas ou da imposição do círculo social. (PIAGET, 1930, p. 51)

Na fase inicial dos seus primeiros meses de vida, segundo ele, não se pode ter plena certeza do que vem da consciência da criança sobre o que são regras ou se, devido à pressão social, elas as seguem de uma maneira impositiva. Sobre esta imposição ele se refere aos adultos que interferem na conduta da criança. A criança segue apenas um rito imposto pelos mais velhos. Ou seja, ela apenas absorve o que foi passado pelos adultos. Não se pode falar, neste caso, em regras, pois as crianças não conseguem ainda decodificá-las. Piaget acrescenta ainda que:

Antes de brincar com seus companheiros, a criança é influenciada pelos pais. Desde o berço, é submetida a múltiplas disciplinas e, antes de falar, toma consciência de certas obrigações. [...] é inegável que as primeiras disciplinas de um ser humano começa com seus progenitores ou de quem lhe faça a vez. (PIAGET, 1932, p. 51).

Com o passar dos anos, de acordo com a pesquisa de Piaget, geralmente a partir dos 10 ou 11 anos, a criança já tem um bom desenvolvimento da sua consciência moral.

Piaget (1932) defende que o *respeito* é fundamental para aquisição das noções morais. Segundo ele, há dois tipos de respeito: *o unilateral e o mútuo*.

O respeito *unilateral* diz respeito às diferenças, o que implica uma coação inevitável do superior sobre o inferior (coação). Neste caso, há uma supremacia de um indivíduo sobre o outro (*nível vertical*).

Quando há respeito *mútuo*, os indivíduos dentro de seu relacionamento social se consideram como iguais e se respeitam reciprocamente (cooperação). Não há mais que se falar em coação, pois existe cooperação dentro do relacionamento entre os pares. Já é possível falar em indivíduos iguais (*nível horizontal*).

O desenvolvimento moral é apresentado por Piaget por duas grandes etapas: Heteronomia e Autonomia.

Heteronomia: Não há um questionamento das regras, apenas uma aceitação delas.

Autonomia: Quando há decisão de seguir certas regras por vontade própria. Neste caso, estaremos sendo autônomos, tendo total consciência das regras.

De modo geral, a consciência moral autônoma, defendida por Piaget, deve ser construída através de interações nas quais prevaleçam o respeito mútuo (autonomia) e a cooperação entre os indivíduos.

A família tem grande influência na formação moral de seu filho. Contudo, a escola pode contribuir nessa formação, visto que é neste ambiente que ele terá que lidar muito com suas emoções e escolhas. É neste convívio com o outro que ele terá que por em prática o respeito e a tolerância, e lidar com suas frustrações.

Provavelmente o grande desafio para os adultos é fazer com que as crianças e os adolescentes passem a tomar consciência da sua responsabilidade frente a si mesmos e aos outros, para que a *heteronomia* possa dar lugar à *autonomia*. E a *coação*, à *cooperação*. Dessa forma, há uma consciência efetiva das regras e a busca do bem comum.

4.4 Bullying: falta de educação em valores?

O *bullying* escolar é uma atitude de desrespeito aos princípios éticos e morais da nossa sociedade, em que os valores como respeito, tolerância, solidariedade, ajuda mútua, preservação à vida e a dignidade humana não são respeitados. Tognetta^{12 13} acrescenta que,

Do ponto de vista da Psicologia Moral, *bullying* é um problema moral, já que é uma forma de desrespeito ao outro, provocada, quem sabe, pela ausência de autorespeito que faz do autor um sujeito que não quer ser visto como alguém generoso, justo, compassivo, e da vítima, alguém que não se vê com forças para exigir o respeito a si. (TOGNETTA, 2013, p. 107)

Sendo o *bullying* um problema moral, cabe à família, à escola e à sociedade ensinar às futuras gerações uma formação moral, baseada no respeito e nos valores ético-morais, com o objetivo de uma convivência pacífica entre os indivíduos.

Jean Piaget (1932), no artigo *Os procedimentos da educação moral*, traduzido por Menin (1996)¹⁴, defende que todos os psicólogos e educadores estão seguros de que nenhuma realidade moral é completamente inata. Em outras palavras, nenhum ser humano nasce com o senso moral perfeitamente formado. Este é aperfeiçoado a partir de vivências e experiências individuais que podem gerar grande impacto na formação moral do indivíduo.

¹² TOGNETTA, Luciene Regina Paulino et al. *Indisciplina e bullying na escola*. 2. Ed. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 2013.

¹³ TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi (Org.). *É possível superar a violência na escola?* Construindo caminhos pela formação moral. Ed. do Brasil, 2012 – Faculdade de Educação – Unicamp.

¹⁴ MACEDO, Lino de (Org.) *Cinco estudos de Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 2.

Há famílias, no entanto, muito desestruturadas, que não favorecem um ambiente saudável para o desenvolvimento moral da criança. Tadeschi e Licciardi (2012)¹⁵ ainda acrescentam que a escola precisa oferecer oportunidades para que o aluno tenha acesso a informações e experiências diferenciadas das adversidades que experimentam em casa. Por essa perspectiva, a escola precisa levar ao aluno valores ético-morais, quando a primazia familiar é fragmentada ou até destruída.

Conhecer os valores morais-éticos torna-se imprescindível para uma convivência saudável. Osterrieth¹⁶ (1964) defende que a criança precisa aprender durante a sua existência com os adultos. A criança precisa ser ensinada a se tornar adulta comprometida com o bem comum e responsável por suas escolhas. As experiências que adquire ao longo da vida são de suma importância para sua maturidade. Para o ser humano tornar-se adulto, há todo um processo sobre a codificação das regras. Para vivermos em sociedade, todos precisam ter limites.

4.5 A família e a escola

Trevisol e Lopes¹⁷, no artigo *A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação*, citam o autor Aquino:

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Entretanto, evidencia-se, comumente, uma confusão na aplicação desses papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral. (AQUINO, 1998 apud TREVISOL; LOPES, 2008).

Há uma necessidade de os papéis da escola e da família ficarem bem definidos, uma vez que a relação entre família e escola é uma parceria fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos. É na escola que a criança tem a necessidade de se relacionar com o outro de forma sistemática. Neste sentido, as regras de convivência precisam ser não só aprendidas, mas vivenciadas pelos alunos, pois o homem é um ser social.¹⁸ Isso implica dizer que somos seres influenciáveis nas nossas relações sociais. E relacionar-se bem é preciso. Neste sentido, o promotor de Justiça Miguel Grenato Valasquez¹⁹ acrescenta:

¹⁵ TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi, (Org.). – *É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral*. Ed. do Brasil, 201. Faculdade de Educação – Unicamp.

¹⁶ OSTERRIETH, 1964, p.3.

¹⁷ Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/909_555.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

¹⁸ Aristóteles (384 aC – 322 aC).

¹⁹ Miguel Granato Velasquez foi Promotor de Justiça e Coordenador do Centro de Apoio da Infância e da Juventude. Disponível em: <<https://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id568.htm>>. Acesso em: 12 out. 2015.

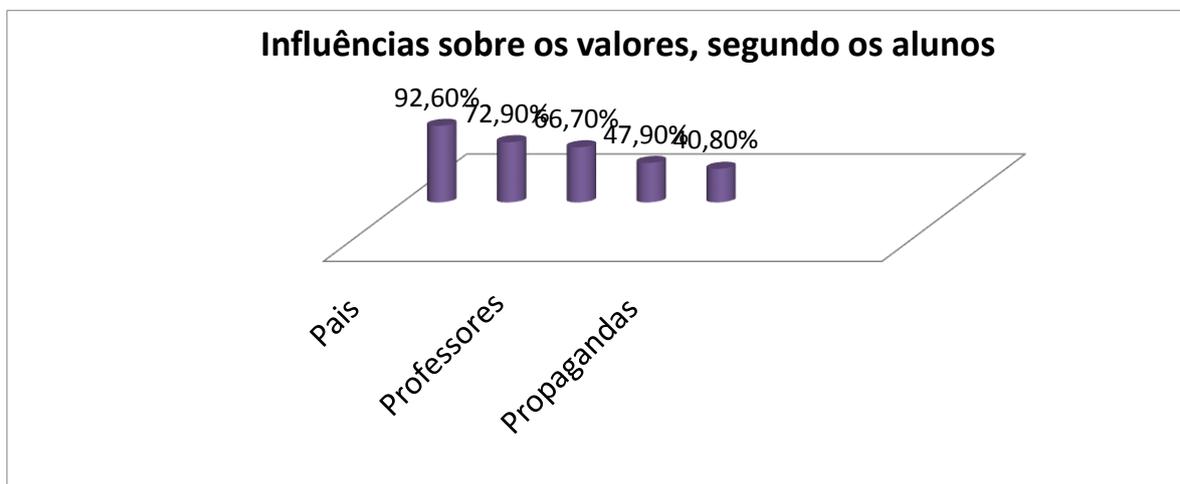
A personalidade da criança e do adolescente se estrutura e molda essencialmente no meio familiar. Os pais, responsáveis pela educação e orientação de seus filhos, devem assumir o seu papel e, além de oferecer amor, impor limites a seus descendentes. (VELASQUES, M. G.)

Os pais precisam ter consciência de suas responsabilidades a fim de educar uma criança para a vida. Educar não é uma tarefa fácil. A preocupação vai além de subsidiar a alimentação, o vestuário e a moradia. Ainda deve-se pensar bem na formação moral-ética com que ela será instruída. Como essa criança será daqui a vinte anos? Estará consciente de seus direitos e obrigações? Estará apta para lidar com as frustrações inerentes à vida humana?

Neste sentido, a criança precisa sentir protegida e amada, e não desamparada. Os limites também servem para que a criança possa entender que o adulto se preocupa com o seu bem-estar. Isso poderá gerar na criança o respeito e a confiança necessários que possibilitem a aquisição de um bom desenvolvimento moral. Para Jean Piaget²⁰ (1930), há pelo menos dois tipos de respeito: o *unilateral* – caracterizado pela desigualdade entre as partes – e o *mútuo* – os pares se respeitam dentro das relações sociais como iguais.

A partir da pesquisa citada na obra de Trevisol (2009),²¹ feita por La Taille e La Taile (2005) com alunos do Estado de São Paulo acerca de pessoas que exercem influência sobre os seus valores, obteve-se a seguinte proporção:

Gráfico 1 – Influências sobre os valores, segundo os alunos



Fonte: La Taille e Harkot de La Taile, 2005.

O gráfico acima nos mostra que o jovem é vulnerável a várias influências em seus valores. Contudo, são os pais os principais influenciadores dos valores morais dos seus filhos. De acordo com a pesquisa, 92,60% dos alunos entrevistados disseram sofrer influência dos

²⁰ PIAGET, Jean. *O Juízo moral na criança*. Tradução Elzon Lenardon. Ed. Summus, 1994, p. 4.

²¹ TAILLE, Yves de La et al. *Crise de valores ou valores em crise?* 2009.

seus progenitores. O percentual vem seguido pelos amigos, 72,90%, e em terceiro lugar estão os professores, com 66,7%. Logo, a influência destes está bem distante da dos pais! Isso fomenta que são os pais os principais responsáveis pela formação moral de seus filhos.

É perceptível, através do gráfico, que a família tem grande influência na formação moral de seu filho. Contudo, a escola pode contribuir nessa formação, visto que é neste ambiente que a criança terá que lidar muito com suas emoções e escolhas. É neste convívio com o outro, que ela terá que por em prática o respeito e a tolerância, e lidar com suas frustrações.

A família precisa ser o principal canal de desenvolvimento saudável para a criança. São os pais, principalmente, que precisam se posicionar frente à educação de seus filhos, pois são os principais formadores e influenciadores. De acordo com Trevisol (2009)²²,

Muitas famílias perderam seus espaços enquanto mediadoras no processo de construção dos valores dos seus filhos. Esse espaço foi ocupado por outros indivíduos, outras mediações. [...] A TV é um veículo de informação, mensagem e modelo de comportamento social extremamente poderoso. O público que assiste, em não havendo orientação, é facilmente seduzido a assumir determinadas posturas. [...] Os meios de comunicação surgem como um novo e poderoso mecanismo de influência heterônoma na educação das pessoas, inclusive na sua formação moral. (TREVISOL, 2009, p. 161)

Diferentemente de vários países, no Brasil não fomos orientados a sermos mais seletivos e cautelosos sobre o que pode influenciar positivamente ou negativamente nossas crianças. Os pais precisam resgatar seu espaço na formação moral de seus filhos. Essa orientação é de suma importância na vida das crianças, uma vez que elas precisam adquirir a sensibilidade moral para viverem de forma autônoma e gerarem bem seus conflitos cotidianos. Neste sentido, os valores morais não são simplesmente transmitidos, mas construído através das experiências vivenciadas. De acordo com Piaget (1930),²³ o fim da educação moral é o de construir personalidades autônomas aptas à cooperação.

Infelizmente, muitos de nós não fomos ainda educados a refletir criticamente sobre nossas escolhas televisivas, o que nos leva a poder ser, assim, facialmente alienados e manipulados pela mídia. Na escola onde trabalho, por exemplo, grande parte dos alunos consideram interessante a vida de um vilão de programa televisivo.

E é lamentável percebermos que, se não fizermos nada hoje, os adultos de amanhã estarão fadados a um prejuízo moral e ético. Será que estamos vivendo em um tempo com

²² TAILLE, Yves de La et al. *Crise de valores ou valores em crise?* 2009.

²³ MACEDO, Lino de (Org.). *Cinco estudos de Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 9.

crise de valores? Tognetta e Vinha²⁴ realizaram pesquisas que apontam para uma crise de valores. Há uma substituição de valores até pelos valores não morais em nossa sociedade.

[...] há valores em crise? Se compreendermos que valores em crise seria a substituição dos conteúdos dos valores, ou seja, de morais, por valores estranhos ou até contrários à moralidade, a resposta a essa questão é afirmativa. (TOGNETTA; VINHA, 2009, p. 36)

Todavia, as propostas de solução para o *bullying*, qualquer que seja o ângulo de sua observação e de suas causas determinantes, estão embutidas na educação (FANTE, 2005, p. 209). Em outros termos, a educação de qualidade pautada nos valores éticos e no respeito à diversidade humana pode ser a resposta para coibir o *bullying* nas escolas.

Neste sentido, há projetos de trazer a família para dentro da escola, com o intuito de ajudá-la a perceber a fundamental importância da participação na educação de seu filho. Um dos projetos é levar palestrantes para orientá-los sobre a importância da participação dos pais na vida moral-ética de seu filho. No seu artigo *Relação escola-família: uma questão de gestão*, o autor Júlio Furtado (2015)²⁵ defende que:

A escola hoje precisa incorporar um novo papel: o de chamar a família para o diálogo e estabelecer claramente os limites de ação de cada uma. É papel da escola o desenvolvimento de valores e atitudes que viabilizem o trabalho coletivo. A escola é o “útero da sociedade” e, como tal, não pode prescindir dessa tarefa. Os professores não podem esperar alunos dóceis e prontos para receber o conteúdo que consta no currículo. Educá-los com relação aos valores e às atitudes que viabilizam o convívio em grupo é, sim, tarefa da escola e, por tabela, dos professores. (Revista Gestão Educacional p. 35, junho de 2015)

Embora o papel primordial da formação moral seja da família, a escola pode, e muito, contribuir para seu desenvolvimento moral. Pois é ali que os alunos vão passar boa parte de sua vida interagindo com muita diversidade social, cultural e de gênero.

O nosso grande objetivo é trazer os pais para mais perto da escola. Na reunião de pais após o término do segundo bimestre, falamos um pouco sobre o compromisso de educar o filho, especialmente nos dias atuais. Passamos o vídeo *O papel dos pais na educação de seus filhos*²⁶, de Júlio Furtado (2012).²⁷ Os pais gostaram muito dele. Após a sua exibição, alguns foram até a coordenação para agradecer e muitos admitiram não saber lidar com a educação de seus filhos, o que nos motivou a levar mais conhecimentos para os pais sobre como educar os filhos em dias atuais.

Problemas como o *bullying* não são oriundos desta geração; já existem há muitos anos. Mas o crescimento desse mal, no ambiente escolar, tem causado muitos transtornos aos

²⁴ TAILLE, Yves de La et al. *Crise de valores ou valores em crise?*

²⁵ Fonte: Revista Gestão Educacional (junho 2015).

²⁶ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=CLuxXFpO6k4>. Acesso em: 12 out. 2015.

²⁷ Júlio Furtado: Graduado em Geografia, Pedagogia e Psicologia. Pós-graduado em Orientação Educacional, Gestalt-terapia e Dinâmica de grupo.

alunos. Visando a um mundo melhor, em complemento a atitudes mais pacíficas, precisamos ter atitudes de prevenção e combate ao *bullying* escolar, tendo como vértice valores ético-morais como respeito, solidariedade e dignidade da pessoa humana.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo verificar, através de uma pesquisa quantitativa, a presença do *bullying* na instituição Centro de Ensino 30 de Ceilândia, bem como preparar meios de ação para enfrentar esse problema com base na informação sobre o conceito de *bullying* e tendo como ponto de partida a formação moral-ética.

Neste trabalho de campo, além de ser a investigadora, sou sujeito ativo participante do cotidiano dessa instituição escolar como coordenadora pedagógica.

A metodologia inicial adotada foi a mesma defendida pelo professor norueguês Dan Olweus²⁸, o primeiro a estudar o fenômeno do *bullying* ainda na década de 1980.

De acordo com Silva²⁹, os estudos de Olweus (1980) deram origem a um programa de intervenção *antibullying*. Seus principais objetivos são:

- Aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e ideias erradas sobre *bullying*;
- Promover apoio e proteção às vítimas contra esse tipo de violência escolar.

Seguindo o direcionamento de Olweus, começamos a intervenção pela conscientização, para partir posteriormente para o apoio e a proteção às vítimas. Para Fante,³⁰ são necessários a sensibilização e o envolvimento de todos na luta contra o *bullying*.

Sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comportamento *bullying* torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente por garantir sua propagação através da imposição da lei do silêncio. (FANTE, 2012, p. 92)

Dessa forma, o primeiro ponto do trabalho interventivo foi trabalhar a conscientização com os alunos através de uma palestra em que o conceito, a origem do vocábulo *bullying* e as consequências às suas vítimas foram devidamente esclarecidos. Dessa forma, buscou-se orientar a convivência pacífica nas relações interpessoais, pautada nos valores éticos e morais. De acordo com Fante (2012, p. 91):

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a

²⁸ O professor norueguês Dan Olweus foi o primeiro a estudar o fenômeno *bullying*. O que motivou sua pesquisa foi o fato do grande número de suicídio de jovens estudantes na Noruega durante a década de 1970.

²⁹ Ana Beatriz Barbosa Silva é médica graduada pela UERJ com pós-graduação em psiquiatria pela UFRJ e referência nacional no tratamento de transtornos mentais. Professora honoris causa pela UniFMU (SP), realiza palestras, conferências e consultorias em todo o país sobre variados temas do comportamento humano.

³⁰ A autora Cleo Fante tem contribuído, significativamente, para o estudo no fenômeno *bullying* no Brasil desde 2000. É presidente do Centro de Estudos do *Bullying* Escolar, em Brasília-DF.

matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.

Neste sentido, faz-se necessário educar as crianças, desde a tenra idade, sobre os valores éticos e morais, para propiciar uma boa convivência na relação interpessoal entre seus pares em que valores como respeito, tolerância e solidariedade devem ser aprendidos para um convívio mais pacífico e para um mundo melhor.

Neste sentido, a Psicologia Moral³¹, que teve início com o trabalho *O Juízo Moral na Criança*, escrito por Jean Piaget, em 1932, traz várias teorias psicológicas que abordam a questão do desenvolvimento moral. Não temos, aqui, a intenção de discutir essas teorias, tampouco de esgotar esse assunto, mas sinalizar que a educação moral pode ser um forte mecanismo para desenvolver parâmetros que orientem a convivência pacífica e habilidades para resolver conflitos.

Por esse motivo, os valores humanos como ética, moral, respeito, tolerância, ajuda mútua, preservação da vida, diversidade humana e cidadania foram bastante enfatizados durante a palestra.

Inicialmente, a ideia era ministrar a palestra apenas para as turmas consideradas mais problemáticas pelos professores, mas vimos a necessidade de expandir o conhecimento, como forma de prevenção e combate ao *bullying* escolar, ao maior número possível de alunos.

No período matutino, período em que foram realizadas as palestras, a escola tem dezesseis turmas do ensino fundamental do 6º ao 9º (cinco turmas de 6º ano, quatro turmas de 7º, quatro turmas de 8º e, por último, três turmas de 9º ano). A palestra foi feita em todas as turmas do 6º ano, duas do 7º, duas do 8º ano, e uma do 9º ano. A prioridade foi para as turmas consideradas, pelos professores, com maior incidência de *bullying*.

Todavia, a pesquisa sobre o *bullying* escolar, nesta instituição, foi realizada em quatro turmas apenas, totalizando 102 alunos. Cada turma estava representando as demais séries da escola. A escolha foi feita de forma aleatória.

Enfrentamos alguns problemas como, por exemplo, a escola não dispor de auditório nem de um espaço para mais de uma turma. Toda a palestra teve que ser ministrada em dias alternados e horários diferenciados.

³¹ Área de estudo dos processos psicológicos que levam um indivíduo a legitimar regras, princípios e valores morais (TAILLE et al., 2009, p. 9).

5.1 Materiais

O tema da palestra foi: Diga não ao *bullying*!

Para as palestras foram utilizados os seguintes materiais:

- Computador;
- *Data show*;
- Cartolinas;
- Filme (trechos);
- Pincéis (vermelho, azul e preto).

Na coleta de dados foram utilizados:

- Papel A4;
- Impressora.

5.2 O filme

Foram passados para os alunos trechos do filme *Bullying - Provocações sem limites*³².

O filme *Bullying - Provocações sem limites* - é sobre um adolescente (Jordi) que está passando por um momento difícil no seu ambiente familiar, devido à separação de seus pais. Inclusive a sua mãe é medicada por problemas psíquicos. Os dois mudam de cidade e ele vai para uma nova escola. Esse aluno é bem franzino e apresenta um jeito de ser bem tímido. Contudo, um garoto (Nacho), da mesma classe, começa a persegui-lo, especialmente porque Jordi é bom em basquete, e também se destaca durante as aulas e se mostra muito educado, o que parece ser um incômodo para o seu oponente. Nacho é bom em basquete, mas não apresenta nenhum outro destaque. A partir desse momento, o aluno novato começa a sofrer agressões constantemente por um grupo liderado por Nacho. Durante o filme, Jordi passa por vários tipos de violências e ameaças, mas não diz nada a seus pais, professores e nem à direção da escola. O filme é muito trágico. Jordi, cansado de ser exposto e sofrendo muitas ameaças, dá cabo a sua vida.

Após o filme³³, houve uma discussão temática da violência e do sofrimento causados pelas práticas do *bullying* escolar e posteriormente os alunos elaboraram poesias, cartazes e peças teatrais sobre o assunto abordado.

³² Ficha técnica: *Bullying*. Espanha, 2010, 90 min., cor, Diretor: Josetxo San Mateo.

³³ Ver Apêndice C.

5.3 Sujeitos da pesquisa

No segundo momento, após saberem o que é o *bullying* escolar, foi realizada uma pesquisa com os alunos de ensino fundamental; essa pesquisa foi feita, apenas, com uma turma de cada série (6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano). Os procedimentos adotados foram:

- a. Questionário³⁴ para alunos contendo dez (10) perguntas objetivas.
- b. O questionário foi aplicado aos alunos no mesmo horário na escola no turno matutino.
- c. O número de alunos que participam da pesquisa foi no total de 102 estudantes desse estabelecimento de ensino, com idade entre 11 e 16 anos.

Todas as explicações sobre o que é *bullying* e suas consequências foram trabalhadas com os alunos da escola em que atuo em Ceilândia. O conhecimento do assunto torna-se imprescindível para que os educandos, tendo consciência desse mal, não pratiquem esse tipo de violência contra seus pares, de forma velada ou explícita, e, caso sejam vítimas de alguma de suas formas, possam saber como lidar com o problema.

Os alunos foram orientados a contar para a família, os professores, a direção e a coordenação caso tivessem sofrendo *bullying* na escola. Na semana seguinte, após a palestra, o número de pais que vieram à escola se queixando de *bullying* sofrido pelos seus filhos foi enorme. O *feedback* foi, sem dúvida, muito positivo. Vários alunos também foram à sala da direção queixar-se de maus tratos em sala de aula pelos seus colegas.

5.4 Contexto da intervenção

O Centro de Ensino Fundamental 30 está situado no Condomínio Privê Lucena Roriz, localizado na Ceilândia Norte. No total temos 1.000 alunos matriculados nesta instituição. No período matutino, temos os Anos Iniciais (apenas os 5º anos) e os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos). No período vespertino, temos os Anos Iniciais e a Educação Infantil.

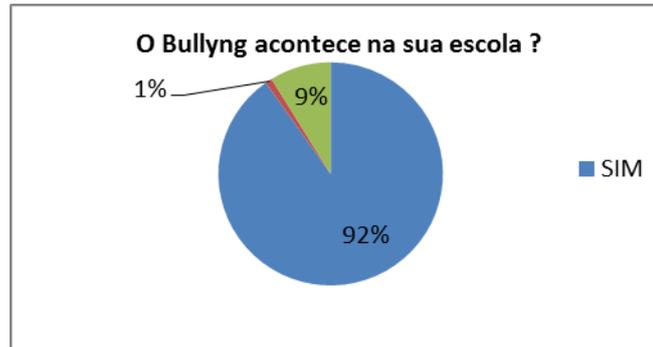
As atividades foram realizadas apenas com o turno matutino (Anos Finais) devido à grande incidência de *bullying* percebida entre os alunos de 11 a 16 anos.

³⁴ Ver Apêndice A.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A pesquisa³⁵ realizada na escola, com 102 alunos, apontou que 92% dos alunos acreditam que o *bullying* acontece na escola onde estudam em Ceilândia.

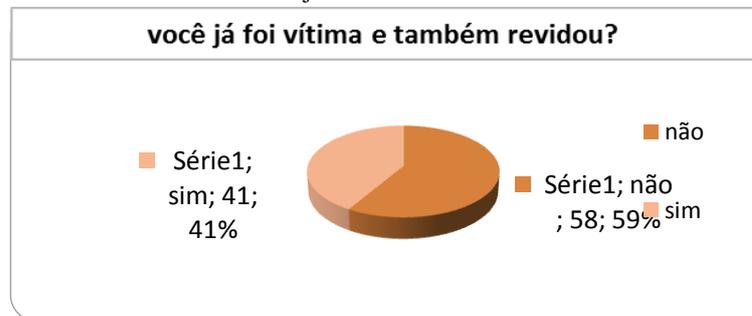
Gráfico 2 – O *bullying* acontece na sua escola?



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Essa porcentagem de respostas positivas ao acontecimento do *bullying* foi assustadora. Infelizmente, só veio demonstrar uma realidade no nosso meio escolar, apontada em outras pesquisas voltadas para o *bullying* como, por exemplo, a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁶, que também revela um aumento significativo deste tipo de violência em nossa sociedade, o que é muito preocupante.

Gráfico 3 – Você já foi vítima e também revidou?



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Outra preocupação com a onda de violência crescente é com o revide como resposta ao *bullying*. Muitos alunos não procuram, ou não são orientados, sobre a forma mais civilizada de resolver os conflitos. De acordo com a pesquisa feita na escola, boa parte dos

³⁵ Os gráficos desta página foram elaborados de acordo com a pesquisa com os 102 alunos entrevistados nesta escola.

³⁶ Ver Anexo A.

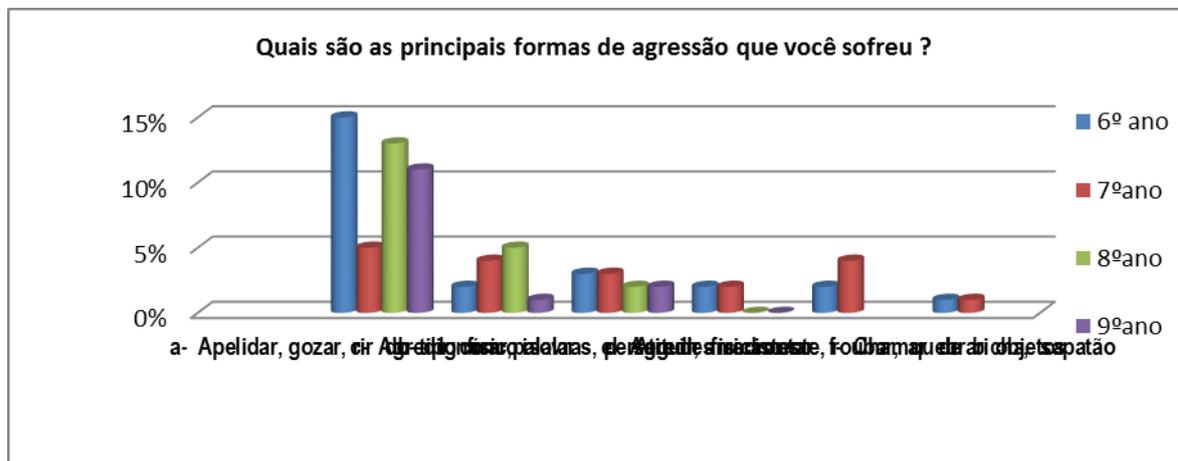
alunos preferem revidar. Isso tem gerado mais violência e insegurança no ambiente escolar. Abramovay³⁷ (2005, p. 29) acrescenta que:

O fenômeno da violência no cenário escolar é mais antigo do que se pensa [...]. Porém, com o passar do tempo, ele foi ganhando traços mais graves e transformando-se em um problema social realmente preocupante. Hoje, relaciona-se com a disseminação do uso de drogas, o movimento de formação de gangues – eventualmente ligadas ao narcotráfico – e com a facilidade de portar armas, inclusive as de fogo.

Infelizmente a violência tem aumentado muito e, em contrapartida, a tolerância parece não seguir o mesmo ritmo crescente na nossa sociedade.

Durante a pesquisa, quando os alunos foram questionados sobre as formas de agressões sofridas, foram obtidos os seguintes dados:³⁸

Gráfico 4 – Quais são as principais formas de agressão que você sofreu?



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Entre as cinco opções, as ofensas que lideraram a pesquisa foram, em todas as séries, apelidar, gozar e rir do tipo físico.

Essa resposta deixou claro que teríamos de ajudar aos alunos a se aceitarem e a respeitar o outro. Para isso, a escola fez um dia letivo especial para falarmos sobre a diversidade e o respeito. As tarefas foram elaboradas especialmente pelos professores da sala de recursos e serviram para reforçar nos alunos o respeito à diversidade na escola.

Neste dia,³⁹ montaram-se várias atividades rotativas: Sala de vivência (andar com cadeira de rodas, andar com olhos vendados etc.), sala de filmes (sobre *bullying* escolar),

³⁷ Por Miriam Abramovay, professora da Universidade Católica de Brasília e coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas-Brasil, Marta Avancini, pesquisadora da UNESCO, e Helena Oliveira, oficial de projetos do UNICEF. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf>. Acesso em 06 out. 2015

³⁸ Os gráficos desta página foram elaborados de acordo com a pesquisa com os 102 alunos entrevistados nesta escola.

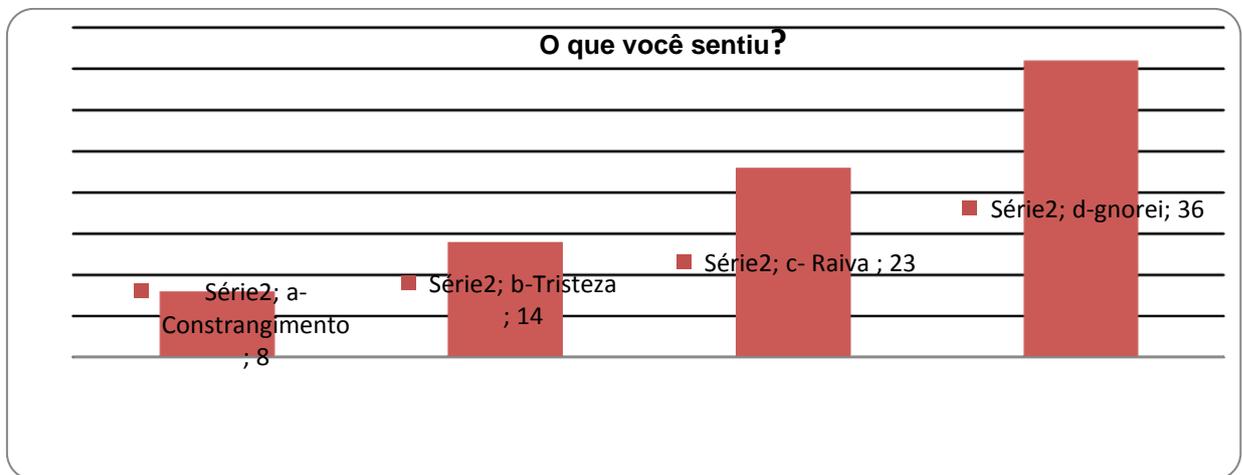
³⁹ Algumas fotos sobre esse dia temático estão no Apêndice B.

jogos de voleibol sentado. Um dos objetivos era levar o aluno a refletir sobre o respeito por si e pelos outros, com a finalidade de valorizar o outro e as relações sociais.

A escola possui um papel fundamental na interação sociocultural do indivíduo, uma vez que é nesse ambiente que a criança e o adolescente são colocados em contato com diferentes culturas e etnias, e é nesse momento que muitos conflitos afloram.

Após a pergunta sobre as agressões sofridas, seguiu-se a questão sobre o sentimento gerado com essas atitudes. A maioria disse ignorá-las, e a segunda resposta mais frequente foi o sentimento de raiva, conforme pode ser observado no gráfico abaixo, elaborado com os dados coletados durante a pesquisa.

Gráfico 5 – O que você sentiu?



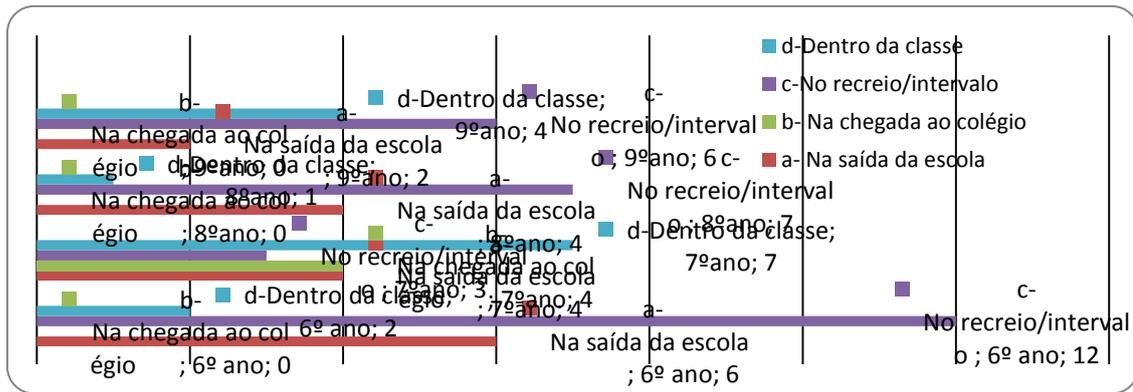
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Ainda de acordo com a pesquisa⁴⁰ realizada nesta escola, com 102 alunos, é no recreio/intervalo que as agressões são mais frequentes. Para o sociólogo francês Bernard Charlot⁴¹ (2002) há distinção entre violência, agressão e agressividade. A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional; a agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal; A violência enfatiza o uso da força, do poder, da dominação. Neste sentido, as agressões podem ser físicas ou verbais sofridas pelos alunos.

⁴⁰ Os gráficos desta página foram elaborados de acordo com a pesquisa com os 102 alunos entrevistados nesta escola.

⁴¹ CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002.

Gráfico 6 – Onde ocorreu o bullying?



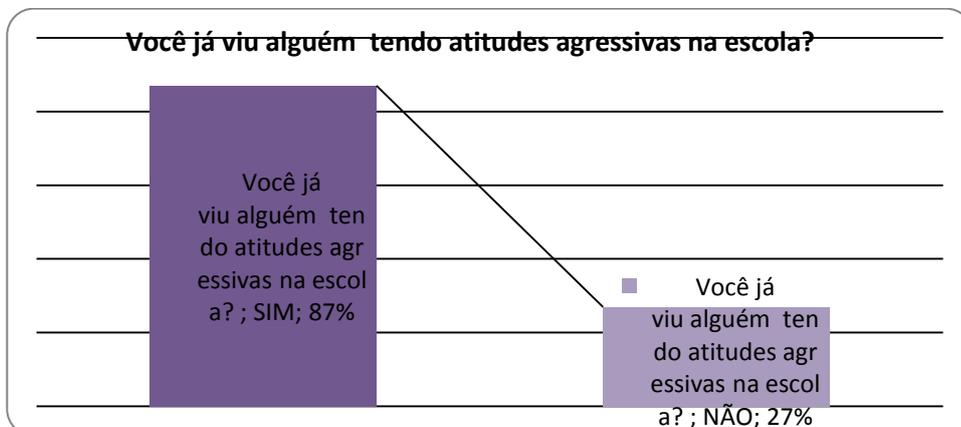
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Todavia, é nesse curto espaço de tempo que os alunos sentem-se menos seguros na escola. O intervalo, que deveria ser um momento de descontração, para muitos é um momento de tensão devido ao medo de serem as próximas vítimas de *bullying*.

Para sanar esse temor, aumentamos o número de professores monitorando o intervalo. São oferecidos aos alunos jogos diferenciados para não ficarem ociosos. Contamos com a contribuição de uma pessoa muito especial, uma “amiga da escola”, que veio somar para a equipe, nos auxiliando inclusive na portaria da escola. Ela é moradora da comunidade, mãe de um aluno e pedagoga, e aceitou o desafio de contribuir com a escola.

Como pode ser observado no gráfico a seguir, segundo os 102 alunos que participaram da pesquisa, cerca de 87 % já viram atitudes agressivas na escola. Para Schilling (2004)⁴², a violência na escola abrange furtos, roubos, agressões, ameaças e brigas. É sob este conceito que é vista neste trabalho a violência na escola.

Gráfico 7 – Você já viu alguém tendo atitudes agressivas na escola?



Fonte: Elaboração própria, 2015.

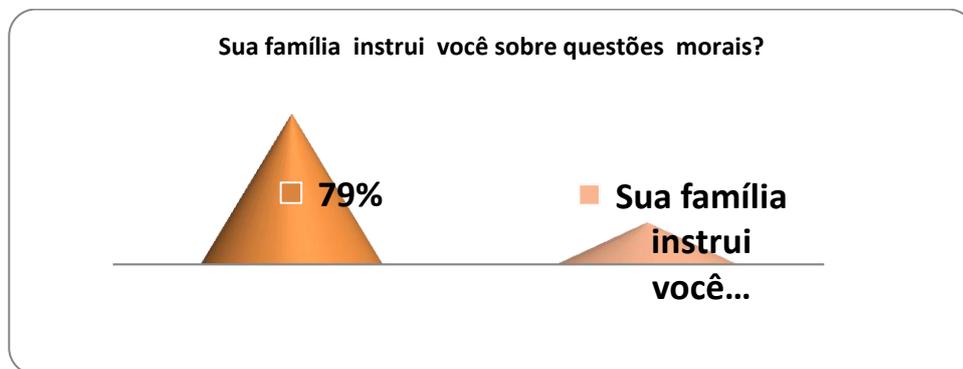
⁴²SCHILLING, Flávia, 2004. *Violência nas escolas: explicitações, conexões*.

Nesta perspectiva, as atitudes agressivas na escola reforçam a importância e a necessidade de educar esses jovens para serem cidadãos éticos-morais, tendo assim total consciência dos seus atos e suas escolhas e podendo refletir e decidir pelo respeito e pela sensatez no seu comportamento. De acordo com Tognetta⁴³ (2013, p. 55),

Se concordarmos com Ricoeur (1993) que ética é “a busca por uma vida boa, com e para o outro em instituições justas,” trabalhar o tema da ética é trabalhar com as relações entre as pessoas e ajuda-las a encontrar a dignidade nas relações que estabelecem.

A escola, a família e, a sociedade como um todo precisam propiciar a formação ética dos jovens objetivando um relacionamento interpessoal pautado no respeito e na dignidade humana, objetivando uma boa convivência com a diversidade cultural, religiosa, racial etc.

Gráfico 8 – Sua família instrui você sobre questões morais?



Fonte: Elaboração própria, 2015.

De acordo com o gráfico acima, cerca de 22%, dos 102 alunos entrevistados disseram não ter instruções morais em sua família; isto é realmente muito preocupante, pois é em outro ambiente e com outras pessoas que esses alunos adquirem noções do que é certo ou errado.

Diante dos dados obtidos na pesquisa feita nesta instituição, CEF 30, fica clara a existência do *bullying* escolar. Há, entretanto, outras formas de violência não relacionadas neste trabalho. Acredito ser interessante fazer nesta escola outra intervenção sobre os fatores que norteiam a violência entre os alunos.

Contudo, considero que o trabalho contra o *bullying* tem alcançado resultados positivos percebidos principalmente durante o intervalo/recreio. A conscientização sobre esse problema foi de suma importância para criar na escola um ambiente mais seguro. Os alunos estão mais conscientes, apesar da violência existir no ambiente escolar, de que este problema pode ser prevenido ou vencido através de atitudes pacíficas, nas quais o respeito ao outro torna-se primordial para uma boa convivência.

⁴³ GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Indisciplina e bullying na escola*. 2. ed. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 2013.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família, como um núcleo social, precisa ficar atenta na formação moral de seus filhos. O bom exemplo ainda continua sendo um forte aliado na aprendizagem das crianças. É no meio familiar que as crianças adquirem as primeiras informações sobre regras e respeito, ou seja, sua formação moral é desenvolvida progressivamente.

Entretanto, a escola está paulatinamente assumindo o papel primordial dos pais quanto à educação moral de seus filhos. As famílias desestruturadas estão terceirizando por completo a educação de seus filhos, o que pode ser muito prejudicial para o desenvolvimento moral-ético desses jovens, pois eles necessitam de um referencial. Há, entretanto, a necessidade de um olhar mais reflexivo sobre a forma de educar os filhos na sociedade pós-moderna.

A sociedade precisa se posicionar para enfrentar o problema da educação moral das crianças e dos adolescentes. Apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais proporem que o desenvolvimento moral e a formação da consciência cidadã devem ser estimulados nas escolas desde as primeiras séries, deveria o Estado, no entanto, incluir o estudo de Ética no curriculum escolar, o que seria de grande valia para a formação moral dos jovens brasileiros.

Os professores precisam se também posicionar frente ao *bullying* no seu fazer pedagógico diário, com estudos que abordem, por exemplo, questões morais e éticas de forma prática. Para isso, o preparo para lidar com a formação moral do indivíduo precisa ser bem refletido nas Instituições de Nível Superior, durante a formação de novos professores.

O *bullying*, além de marcar a vítima para sempre, pode trazer mais violência para dentro da escola, como o uso de entorpecentes e armas de fogo. Violência pode gerar mais violência, mas a educação pode mudar esse cenário que estamos vivendo. A sociedade precisa se preocupar em gerar indivíduos socialmente responsáveis, solidários e comprometidos com o respeito aos direitos humanos.

O *bullying*, no CEF 30 da Ceilândia Norte, está sendo visto com mais cautela pela comunidade escolar. Durante a implementação do projeto, vários professores foram agentes efetivos na construção de uma consciência cidadã entre os alunos. Houve várias atividades realizadas em sala como redação, seminários e mais filmes sobre o *bullying* escolar, discussões etc.

Na disciplina Prática Diversificada (PD), um professor resolveu trabalhar a Ética com os alunos. Outro ponto positivo é que cogita-se, entre o corpo docente, repensar o Projeto Político Pedagógico para uma alteração da temática das Práticas Diversificadas (PDs), tendo como ponto de partida os valores ético-morais.

Este trabalho foi de grande valia no CEF 30 da Ceilândia Norte como interventor na prática pedagógica. Já podemos colher alguns frutos. Os alunos podem contar com a equipe docente, e os demais servidores, para ajudá-los a enfrentar o *bullying* escolar.

Portanto, a melhor e mais eficiente estratégia de combate a esse problema são os programas *antibullying* na escola, que aumentam o conhecimento acerca desse problema e suas consequências. Alertando e capacitando pais, professores, coordenadores pedagógicos e a sociedade de um modo geral, objetivam prevenir novos casos de violência escolar e tratar os casos existentes na instituição de ensino.

Acredito que, através da construção de uma formação moral, pautada nos valores como respeito, tolerância, ajuda mútua e preservação da vida, os problemas de violência podem ser gradativamente superados.

REFERÊNCIAS

- CALHAU, Lélío Braga. *Bullying: o que você precisa saber*. Ed. Impetus, 2009.
- CHACON & DUBOIS STUDIOS. *The bullying circle*. Disponível em: <http://www.chaconduboisstudios.com/portfolio_pages/ark_bully.html>. Acesso em: 10 out. 2015.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002. Disponível em: . <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>. Acesso em: 29 out. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. Ed. Ática, 2010.
- FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. *Comunicado de Imprensa*. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapa2015release.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying*. Ed. Verus, 2005.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. *Portal de Periódicos*. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/cegra> acesso>. Acesso em: 15 out. 2015.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *O bê-á-bá da intolerância e da discriminação*. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf>. Acesso em: 06 out. 2015.
- GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Indisciplina e bullying na escola*. 2. ed. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4 ed. Brasília: Ipea, 2011. 39 p.
- MACEDO, Lino de (Org.). *Cinco estudos de Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- MELO, Josevaldo Araujo de. *Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo*. Recife: EDUPE, 2010.
- MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.
- NATIONAL SCHOOL CLIMATE CENTER. *School climate and moral and Social development*. Disponível em: <<http://www.schoolclimate.org/publications/documents/sc-brief-moral-social.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

- OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA. *Pesquisa sobre bullying*. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=232>. Acesso em: 12 out. 2015.
- OLWEUS BULLYING PREVENTION PROGRAM. *How Bullying Affects Children*. Disponível em: <http://www.violencepreventionworks.org/public/bullying_effects.page>. Acesso em: 12 out. 2015.
- OLWEUS BULLYING PREVENTION PROGRAM. *Recognizing the Many Faces of Bullying*. Disponível em: <<https://www.binghamton.edu/gse/dasa/recognize-many-faces-bullying-2014.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- OLWEUS, Dan. Peer Harassment: A Critical Analysis and Some Important Issues. In: *Peer Harassment in School*. JUVONEN, J.; GRRAHAM, S. (Ed.). New York: Guilford Publications, 2001.
- OLWEUS, Dan. *A profile of Bullying at school*. Educational Leadership, 2003.
- OSTERRIETH, Paula. *Fazer adultos: Pequena introdução à psicologia educacional*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penha. São Paulo: Companhia editorial, 1971.
- PIAGET, Jean. *O Juízo moral na criança*. 2 ed. Tradução de Elzon Lenardon. Ed. Summus, 1994.
- SAMPAIO, Leonardo Rodrigues. A Psicologia e a Educação Moral. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a02.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- SCHILLING, F. Violência nas escolas: explicitações, conexões. *Série cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos*, v.4. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_violencia_vol2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes perigosas nas escolas: bullying*. Ed. Objetiva, 2009.
- SOLBERG, M., & OLWEUS, D. (in press). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*.
- TAILLE, Yves de La et al. *Crise de valores ou valores em crise?* Artemed Editora, 2009.
- TOGNETA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral*. Editora do Brasil, 2012. Faculdade de Educação – Unicamp.
- TREVISOL, Maria Teresa Ceron; LOPES, Anemari Luersen Vieira. *A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação*. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/909_555.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VELASQUEZ, M. G. *O papel dos pais e os limites na educação dos filhos*. Disponível em: <<https://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id568.htm>>. Acesso em: 12 out. 2015.

APÊNDICE A

Coleta de dados

Caro aluno, por favor responda ao questionário abaixo:

1) O *bullying* é uma forma de violência praticada por várias pessoas no mundo, causando angústia e sofrimento. Ele acontece na sua escola?

() sim () não () não sei

2) Você, alguma vez, foi vítima de *bullying*?

() sim () não () não sei

3) Quais as principais formas de agressão que você sofreu?

a- () apelidar, gozar, rir do tipo físico

b- () ignorar, isolar

c- () agredir com palavras, perseguir, amedrontar

d- () atitudes racistas

e- () agredir fisicamente, roubar, quebrar objetos

f- () chamar de bicha, sapatão

4) O que você sentiu?

a- () Constrangimento c- () Raiva

b- () Tristeza d- () Nada (ignorei)

5) Você já cometeu alguma destas? () sim () não

6) Você já foi vítima e também revidou? () sim () não

7) Você já viu alguém tendo atitudes agressivas na escola? () sim () não

8) Diante de uma atitude de *bullying*, qual é sua reação?

a) ajudar a vítima b) rir da vítima c) juntar-se ao agressor

d) pedir ajuda a um funcionário da escola (professor, coordenador, diretor, guarda)

e) chamar mais pessoas para “se divertirem” com a cena

9) Onde acontecem essas agressões?

a- () na saída da escola c- () no recreio/intervalo

b- () na chegada ao colégio d- () dentro da classe

10) Sua família instrui você sobre questões morais? () sim () não

APÊNDICE B

Um dia temático: celebrando a diversidade

Neste dia, montaram-se várias atividades rotativas: sala de vivência (andar com cadeira de rodas, andar com olhos vendados etc.), sala de filmes (sobre *bullying*), jogos de voleibol sentado. Um dos objetivos era levar o aluno a refletir sobre o respeito por si e pelos outros, com a finalidade de valorizarem o outro e as relações sociais.

Foi com o intuito de levar os alunos a aceitarem e a saberem lidar com as diferenças que precisamos levá-los à reflexão sobre o respeito às diferenças e, na medida do possível, à vivência de algumas dificuldades vivenciadas por muitos ao longo de suas vidas. Foi com esse intuito de sensibilização que tivemos um dia temático sobre a diversidade e o respeito às diferenças. De forma lúdica, os estudantes puderam vivenciar alguns desafios que muitas pessoas precisam enfrentar todos os dias.



O horário das aulas foi diferenciado. Tivemos rodízio de atividades. Tivemos três momentos diferenciados (cinema, quadra de esporte, sala de vivência).

No cinema foram escolhidos três filmes que abordaram o tema respeito, diversidade e *bullying*. (*Meu nome é rádio*, *Jardim Secreto*, *Elefante*).

Na quadra de esportes, o jogo de voleibol foi praticado com todos sentados, para que se percebessem as dificuldades enfrentadas por cadeirantes.





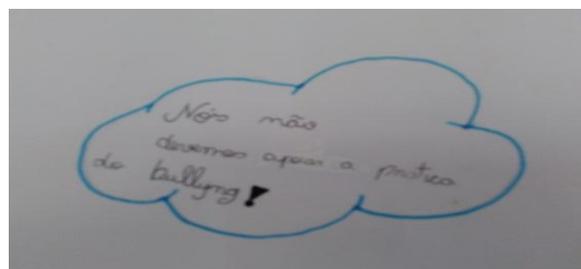
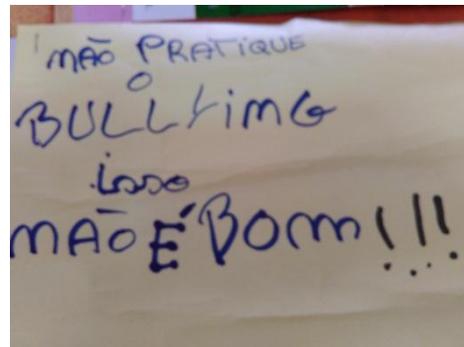
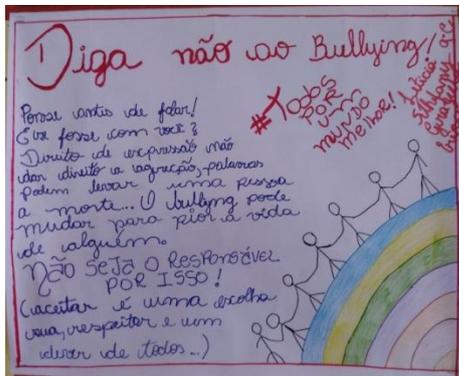
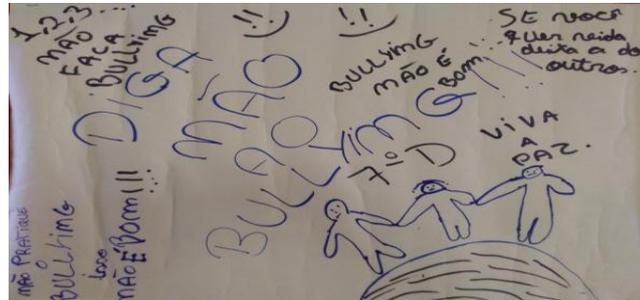
Além disso, a Sala de Vivência trouxe aos alunos mais desafios, como andar de muletas, andar de cadeiras de rodas, e ser solidários com quem precisa, como por exemplo ajudar um cadeirante a subir escadas quando não há meios adequados de locomoção.

APÊNDICE C

Trabalhos após a palestra sobre *bullying*

Após o filme *Bullying - Provocações sem limites*, houve uma discussão temática sobre a violência e o sofrimento causados pelas as práticas do *bullying* escolar.

Em seguida os alunos elaboraram poesias, cartazes, e peças teatrais sobre o assunto abordado. Além disso, debates foram realizados nas turmas.



ANEXO A

Distrito Federal lidera o ranking de *bullying*

Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE), o Distrito Federal amarga o primeiro lugar na prática do *bullying* escolar. A população-alvo da pesquisa foi formada por estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos Estados e do Distrito Federal. Durante a pesquisa, foi feita a seguinte pergunta aos estudantes: “Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido?” O Distrito Federal com (35,6%) seguido por Belo Horizonte com (35,3%) e Curitiba com (35,2 %) foram as capitais com maiores frequências de escolares que declararam ter sofrido esse tipo de violência alguma vez nos últimos 30 dias.

Para melhor visualização dos dados obtidos pelo o IBGE, na pesquisa citada, segue a tabela abaixo.

Unidade da Federação	Distrito Federal	Belo Horizonte	Curitiba	Vitória	Porto Alegre	João Pessoa	São Paulo	Campo Grande	Teresina e Rio Branco
Percentual de estudantes que sofreram bullying	35,6%	35,3%	33,2%	33,3%	32,6%	32,2%	31,6%	31,2%	30,8%

Fonte: ⁴⁴Pesquisa realizada pelo IBGE em 2009.

Ainda de acordo com a pesquisa, em nível Federal, o maior número de casos ocorreram nas escolas particulares: 35,9%, e 29,5% nas escolas públicas. Segundo a pesquisa, a prática do *bullying* entre os estudantes do sexo masculino é maior, cerca de 32,6% contra 28,3% do sexo feminino.

Essa pesquisa traz dados muito importantes e preocupantes. O *bullying* faz parte da realidade vivida por muitos estudantes aqui no Distrito Federal tanto da escola pública e como da particular.

⁴⁴ (<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/comentarios.pdf>> Acesso em 7 de setembro de 201).

ANEXO B

A lei antibullying

No Distrito Federal, em 22 de maio de 2012, foi sancionada a **lei Nº 4.837**, para conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal.

Esta lei conceitua o *bullying* como violência física ou psicológica, praticada intencionalmente e de maneira continuada, de índole cruel e de cunho intimidador e vexatório, por um ou mais alunos, contra um ou mais colegas em situação de fragilidade, com o objetivo deliberado de agredir, intimidar, humilhar, causar sofrimento e dano físico ou moral à vítima. A lei expõe uma série de comportamentos que são considerados práticas de *bullying*, tais como: fazer comentário ofensivo à honra e à reputação de aluno ou propalá-lo, inclusive pela internet e por meio de mídias sociais, de maneira a potencializar o dano causado ao estudante ofendido; utilizar expressões ofensivas e preconceituosas que revelem intolerância racial, religiosa, sexual, política, cultural e socioeconômica no trato com outros estudantes; danificar, furtar ou roubar bens de alunos.

Algumas providências de prevenção também foram assinaladas: tornar público o debate sobre as principais causas e consequências decorrentes da prática do *bullying* nos estabelecimentos de ensino; realizar pesquisas a fim de identificar os fatores que estimulam e fomentam a prática do *bullying* nas escolas com vistas à implementação de ações preventivas e repressivas a tal prática; exigir dos estabelecimentos privados de ensino a realização de programas de prevenção ao *bullying*;

Apesar de existir essa lei, muitos a desconhecem. Na verdade as autoridades políticas precisam elaborar programas mais efetivos. Por exemplo, criar um dia temático ante *bullying*. Neste dia, todas as escolas, deveriam fazer uma reflexão junto aos alunos e toda a comunidade sobre as práticas nocivas dessa violência. Embora exista uma lei proibindo a prática do *bullying* precisa ser apresentada aos envolvidos no processo de educação e também discutida por todos. O *bullying* requer mais atenção das autoridades políticas bem com de toda a sociedade.

LEI Nº 4.837, DE 22 DE MAIO DE 2012

Dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL,

Faço saber que a Câmara Legislativa do Distrito Federal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituída a política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos de ensino das redes pública e privada do Distrito Federal.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se *bullying* a violência física ou psicológica, praticada intencionalmente e de maneira continuada, de índole cruel e de cunho intimidador e vexatório, por um ou mais alunos, contra um ou mais colegas em situação de fragilidade, com o objetivo deliberado de agredir, intimidar, humilhar, causar sofrimento e dano físico ou moral à vítima.

Art. 3º São consideradas práticas de *bullying* as ações e os comportamentos a seguir descritos, promovidos por aluno ou grupo de alunos:

I – agredir física ou psicologicamente, de maneira reiterada, aluno em situação de hipossuficiência em relação ao agressor;

II – fazer comentário ofensivo à honra e à reputação de aluno ou propalá-lo, inclusive pela internet e por meio de mídias sociais, de maneira a potencializar o dano causado ao estudante ofendido;

III – utilizar expressões ofensivas e preconceituosas que revelem intolerância racial, religiosa, sexual, política, cultural e socioeconômica no trato com outros estudantes;

IV – praticar, induzir ou incitar o preconceito ou adotar atitudes tendentes a promover o isolamento social de aluno;

V – perseguir, dominar, tyrannizar, incomodar, manipular, agredir, ferir e quebrar pertences de estudantes;

VI – danificar, furtar ou roubar bens de alunos;

VII – utilizar a internet para incitar a prática de atos de violência física ou psicológica contra alunos.

Art. 4º Na hipótese de ocorrência de alguma das práticas descritas nos arts. 2º e 3º desta Lei, a vítima do *bullying*, seus pais, representantes legais, ou qualquer pessoa que tenha conhecimento dos fatos poderão formalizar a denúncia perante os seguintes órgãos públicos e instituições:

I – a direção da escola pública ou privada na qual estejam matriculados os envolvidos na denúncia, sejam autores ou vítimas do *bullying*;

II – a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal;

III – o Conselho Tutelar competente;

IV – o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios;

V – a Polícia Civil do Distrito Federal, em caso de atos tipificados como crime pela legislação penal ou ato infracional, conforme disposto na Lei federal nº 8.069, de 3 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e Adolescente.

Art. 5º A direção da escola pública ou privada, ao tomar conhecimento da denúncia de *bullying* que envolva estudantes sob a sua responsabilidade, instaurará imediatamente procedimento administrativo para apuração dos fatos e das circunstâncias noticiadas, devendo ser concluído o procedimento e adotadas as providências cabíveis no prazo máximo de 20 (vinte) dias corridos.

Parágrafo único. O disposto no *caput* não impede a adoção de medidas administrativas, pedagógicas e disciplinares, imediatas e urgentes, pela direção do estabelecimento de ensino, a fim de resguardar a vítima.

Art. 6º No âmbito da política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* na rede escolar pública e privada do Distrito Federal, instituída por esta Lei, fica o Poder Público obrigado a desenvolver as seguintes ações, com o objetivo principal de reduzir a prática da violência nos estabelecimentos de ensino e promover a melhora do desempenho escolar:

I – tornar público o debate sobre as principais causas e consequências decorrentes da prática do *bullying* nos estabelecimentos de ensino;

II – realizar pesquisas a fim de identificar os fatores que estimulam e fomentam a prática do *bullying* nas escolas com vistas à implementação de ações preventivas e repressivas a tal prática;

III – capacitar os profissionais da educação pública para a identificação do *bullying*, possibilitando a imediata adoção de medidas administrativas, pedagógicas e disciplinares de desestímulo e combate a tal comportamento;

IV – exigir dos estabelecimentos privados de ensino a realização de programas de prevenção ao *bullying*;

V – atender e orientar os envolvidos, seus pais e responsáveis legais, a fim de conscientizá-los sobre as consequências danosas do *bullying*, além de esclarecê-los sobre as sanções administrativas e disciplinares;

VI – criar mecanismos de envolvimento da família na política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying*;

VII – criar registro próprio dos casos de *bullying* em cada estabelecimento de ensino, de modo a possibilitar o conhecimento e o acompanhamento do problema, proibida a divulgação dessas informações ou de outras que exponham a privacidade de alunos e profissionais da educação, evitando-se a exposição e a estigmatização das pessoas envolvidas;

VIII – organizar, em cada escola, conselhos de segurança escolar ou grupos equivalentes, compostos por profissionais da educação, alunos, pais e responsáveis legais, com vistas à realização de seminários, palestras e debates, à distribuição de material didático especializado e à concretização de ações de integração de toda a comunidade escolar na prevenção e no combate ao *bullying*.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de maio de 2012

124º da República e 53º de Brasília

AGNELO QUEIROZ

ANEXO C

Alguns filmes com a temática sobre o *bullying*

1. **A Classe** (Klass, Estônia 2007): Joosep é um adolescente tímido e sensível que virou saco de pancadas do valentão Anders e sua turma. Diariamente, Joosep é submetido a longas sessões de tortura física e psicológica. A situação piora quando Kaspar, um dos moleques que marcava posição contra Joosep, muda sua conduta e passa a protegê-lo. Sentindo sua liderança ameaçada, Anders decide tornar Kaspar vítima também das mesmas atrocidades. Produzido num país sem muita tradição cinematográfica, o filme é um verdadeiro soco no estômago, feito propositadamente para chocar. A princípio, pode soar sensacionalista, mas está mais para um ALERTA e dificilmente vai deixar indiferente quem o assistir.

2. **Meu Melhor Inimigo** (*Min Bedste Fjende*, Dinamarca 2010): Cansado de ser humilhado pelos garotos da escola, Alf decide tomar medidas contra aqueles que o atormentam. Alia-se a outro colega também vítima de bullying e, juntos, inspirados nas lutas de Niccolo, herói de uma revista em quadrinhos, firmam um pacto secreto para se vingar dos valentões da turma. Tudo parece ir de acordo com o plano, até que Alf percebe que virar a mesa contra seus algozes, tem suas consequências. Impactante e triste filme dinamarquês que nos faz refletir sobre nossos atos e este mundo tão cruel.

3. **Elefante** (*Elephant*, EUA 2003): Numa escola secundária de Portland, estado do Oregon, a maior parte dos estudantes está engajada em atividades cotidianas. Enquanto isso, dois alunos esperam, em casa, a chegada de uma metralhadora semi-automática com altíssimo poder de fogo. Munidos de várias armas que vinham colecionando, partem para a escola, onde serão protagonistas de um verdadeiro banho de sangue. Inspirado no triste ocorrido em abril de 1999, quando dois adolescentes mataram 14 estudantes e um professor na Columbine High School.

4. **Bullying – Provocações Sem Limites** (*Bullying*, Espanha 2009): Órfão de pai, Jordi é um jovem educado, bom aluno e talentoso jogador de basquete que, ao se mudar para uma nova escola em Barcelona, desperta raiva e inveja de um bullie e seu grupo. Humilhações e espancamentos tornam-se parte de sua vida. Jordi guarda silêncio enquanto a violência se intensifica, envolvendo-se cada vez mais no perigoso e sádico jogo psicológico do seu agressor. Um longa angustiante que mostra de maneira severa e chocante a realidade dos que sofrem Bullying e a importância de se denunciar essa prática.

5. **Bully** (*Bully*, EUA 2001): Bobby (Nick Stahl) é um valentão que vive abusando fisicamente dos colegas da escola. Cansados de sua atitude, eles se juntam e decidem lhe dar uma lição, atraindo-o até um pântano e espancando-o até a morte. O ocorrido provoca reações distintas na comunidade em que vivem, que vão do choque pela brutalidade do assassinato até mesmo a sensação de que Bobby recebeu o que merecia. Baseado em fatos verídicos, trata-se de um filme chocante, dirigido pelo polêmico Larry Clark (*Kids*), especializado em retratar o ócio e a banalidade da violência na juventude americana.

6. **Ben X – A Fase Final** (*Ben X*, Bélgica 2007): Diagnosticado com Síndrome de Asperger (um Autismo mais leve), Ben é um adolescente com extrema dificuldade de socialização e comunicação. Para escapar da agressão dos colegas de classe, ele refugia-se em Archlord, um game jogado por milhares de pessoas online, cada qual operando um personagem num mundo virtual. A partir do momento em que a opressão leva Ben ao limite, a linha entre a fantasia e a

realidade começa a se tornar perigosamente escorregadia. Um filme tocante e inovador, supostamente baseado em um episódio real.

7. **Evil, Raízes do Mal** (*Ondskan*, Suécia 2003): Problemático jovem de 16 anos, acostumado a tratar todos com brutalidade, devido aos maus tratos de seu padastro, acaba expulso da escola pública e transferido para um prestigiado colégio privado, onde sabe que terá sua última oportunidade. O adolescente pretende mudar de vida, porém se defronta com muitas situações de injustiças e humilhações por parte dos alunos veteranos que ultrapassam os limites da ética e do bom-senso. Submeter-se ou revidar os maus tratos? Ambientado nos anos 1950, um obra perturbadora e inquietante que também fala de impunidade.

8. **Bang, Bang! Você Morreu** (*Bang, Bang! You're Dead*, EUA 2002). Ben Foster, então com 21 anos, faz um estudante exemplar que, cansado de ser constantemente humilhado por um dos jogadores do time de futebol da escola, ameaça explodir o prédio durante o período de aulas; porém usa uma bomba de mentira. Depois do falso atentado, ele começa a ser visto com desconfiança pelos colegas, e passa a arquitetar algo realmente violento. Ao falar de preconceito, o longa mostra claramente do que um jovem é capaz quando o que se espera dele invade os preceitos morais de um grupo determinado ou de toda uma sociedade.

9. **Quase Um Segredo** (*Mean Creek*, EUA 2004): Ronny Culkin faz um delicado adolescente continuamente atormentado pelo valentão da escola. Incentivado pelo irmão mais velho, decide se vingar, atraindo o moleque para uma viagem de barco onde pretende humilhá-lo. Durante o passeio, passa a enxergar seu algoz sob outra perspectiva – a de um garoto solitário que só quer um pouco de atenção – e decide cancelar o plano. Mas as coisas dão errado com consequências trágicas. Um filme instigante, repleto de sarcasmo, sensível e com ótimas atuações.

10. **Carrie, A Estranha** (*Carrie*, EUA 1976): Carrie (Sissy Spacek) é uma jovem tímida que não faz amigos por conta da mãe desequilibrada, uma fanática religiosa. Ao aceitar ir ao baile do colégio, ela cai numa armadilha preparada para ridicularizá-la em público. O que ninguém imagina é que a jovem possui poderes telecinéticos e pretende usá-los para se vingar. Este clássico dirigido por Brian De Palma fala de preconceito e bullying numa época em que a vida colegial só inspirava comédias ou romances. Engraçado perceber que o título nacional acrescentou um adjetivo que é, por si só, uma expressão de segregação!

Fonte: <http://www.getro.com.br/2011/11/melhores-filmes-sobre-bullying/#.Vi9ut7erTIU>